

A RECEPÇÃO DA CIÊNCIA MATERIALISTA NO BRASIL

Ana Maria Koch¹

A possibilidade de tomar a produção textual do sociólogo inglês do século XIX Herbert Spencer como representativa da forma dada aos textos científicos pelos autores brasileiros *materi-
alistas*, que estão propondo modelos ideais – formulados como sistemas *organicistas* – para a or-
ganização da sociedade, e que estão constituindo-os, do mesmo modo que Proudhon, como *remé-
dios*² para as crises econômicas e políticas existentes é possível. O ponto de partida da análise des-
se tema é tomá-lo como o objeto da sátira de Machado de Assis, pelo que continha de síntese das
preocupações científicas da época, pode ter sustentação pelo fato de que o nome daquele inglês e
profeta do darwinismo social (Dictionary, 1994, p. 504) aparece referido explicitamente por Ma-
chado de Assis no conto *Viagem à roda de mim mesmo*³ e nas crônicas de 15 ago. 1883⁴ e de 6
nov. 1892⁵, publicadas, respectivamente, em *Balas de estalo* e *A Semana*, além de constar no conto

¹ Professora Doutora (UFPI, História, Campus de Picos).

² O termo utilizado no capítulo 2 – *O emplasto*, é recorrente nas formulações de intelectuais da época, por exemplo, em *Sistema de las contradicciones económicas o filosofía de la miseria*: “Todos los remedios propuestos contra los tristes resultados de la división del trabajo se reducen a dos, que en rigor no son más que uno, pues el primero es el in-
verso del otro: moralizar al obrero aumentando su bienestar y su dignidad, o bien ir preparando su emancipación y su
lejana dicha por medio de la enseñanza” (Proudhon, 1975, p. 140).

³ “Cranz, citado por Tailor, achou entre os groenlandeses a opinião de que há no homem duas pessoas iguais que se
separam às vezes, como acontece durante o sono, em que uma dorme e outra sai a caçar e passear. Thompson e outros,
apontados em Spencer, afirmam ter encontrado a mesma opinião entre vários povos e raças diversas. O testemunho
egípcio (antigo), segundo Maspero, é mais complicado [...]. Não quero vir ao testemunho da nossa língua e tradições;
notarei apenas dois: o milagre de Santo Antônio [...] e aqueles maviosos versos de Camões” (Assis, 1994, v. 2, p.
1056, sem grifo no original).

⁴ “Um articulista anônimo, tratando há dias do uso da folga acadêmica nas quintas-feiras, escreveu que Moisés e Cristo
só recomendaram um dia de descanso na semana, e acrescenta que **nem Spencer nem Comte** indicaram dois. **Nada
direi de Spencer; mas pelo que respeita a Comte**, nosso imortal mestre, declaro que a afirmação é falsa. Comte
permite (excepcionalmente, é verdade) a observância de dois dias de repouso. Eis o que se lê no *Catecismo* do grande
filósofo. O dia de descanso deve ser um e o mesmo para todas as classes de homens. Segundo o judaísmo, esse dia é o
sábado; — e segundo o cristianismo, é o domingo. O positivismo pode admitir, em certos casos, a guarda do sábado e
dodomingo, ao mesmo tempo. Tal é, por exemplo, o daquelas instituições criadas para a contemplação dos filhos da
Grã-Bretanha, como sejam, entre outras, os parlamentos de alguns países, etc. Ea razão é esta. Sendo os ingleses, em
geral, muito ocupados, pouco tempo lhes resta para ver as coisas alheias. Daí a necessidade de limitar os dias de traba-
lho parlamentar dos ditos países, a fim de que aqueles insulares possam gozar da vista recreativa das mencionadas ins-
tituições. (*Cat. Posit.*, p. 302). **Rio de Janeiro, 3 do Brigadeiro José Anastácio da Cunha Souto de 94 (14 de agosto
de 1883)**” (Assis, 1998, p. 56-57, sem grifo no original).

⁵ “Não me tragam aqui o mestre **Spencer com os seus aforismos sociológicos**. Quando ele diz que ‘o estado social é o
resultado de todas as ambições, de todos os interesses pessoais, de todos os medos, venerações, indignações, simpatias,
etc. tanto dos antepassados, como dos cidadãos existentes’ – não serei eu que o conteste. O mesmo farei se ele me dis-
ser, a propósito do templo grego: ‘Posto que as idéias adiantadas, uma vez estabelecidas, atuem sobre a sociedade e
ajudem o seu progresso ulterior, ainda assim o estabelecimento de tais idéias depende da aptidão da sociedade para re-
cebê-las. Na prática, é o caráter popular e o estado social que determinam as idéias que hão de ter curso – não são as

Evolução e na crônica de 8 jul. 1885, já citados. Nos três primeiros textos, a referência a Spencer está inserida por Machado de Assis para fundamentar a – mordaz – sátira apresentada. A referência explícita ao nome do *sociólogo*, nesses textos, ao mesmo tempo em que são dadas indicações quanto à área teórica em que estão inscritos são os fatores que sugerem a leitura dos conceitos emitidos por *Quincas Borba* como paródia – pelo absurdo – dos enunciados da teoria européia cuja recepção está ocorrendo, naquela época, também no Brasil. Especial atenção de Machado de Assis, para essa elaboração e no contexto de 1880, pode ter recebido também a atuação de Sylvio Romero, justamente pela defesa que este fazia do sistema de Spencer. Com a adoção dessa teoria, o intelectual estava reagindo ao que considerava o atraso do ensino de filosofia no Brasil, e o fazia com respaldo em teorias sociológicas e expressando juízos – que pretendia definitivos – depreciativos aos defensores de outros *sistemas*. A situação, em 1878, era avaliada por Sylvio Romero com base no fato – que os textos pretendiam demonstrar – de que, no Brasil, a maioria dos professores de filosofia não tinha adotado a *ciência nova*. Essa era a causa apontada por Sylvio Romero para o atraso do país na comparação com a *marcha da civilização* em direção à *igualização* política e ao *progresso* – ou: a *felicidade* – almejados, conclusão fundamentada na comparação com os estágios que o autor atribuía às *raças* européias. Ao lado dessa ênfase, é possível considerar, ainda, que outra das atividades que mobilizou Sylvio Romero, no final da década de 1870, foi a da modificação do programa de ensino do Colégio Pedro II, a instituição modelo da instrução pública do Império, para inserir ali um padrão de treinamento científico que privilegiava a adoção da *doutrina do determinismo*.

A sátira pode ser afirmada como constituinte da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* também pela formulação apresentada por Sylvio Romero em *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira*. As expressões que o crítico utiliza pejorativamente, no texto, para referir os personagens *Brás Cubas* e *Quincas Borba*, criados por Machado de Assis, não são entendidas à personalidade do autor. Os dois grifos indicados na transcrição que Sylvio Romero fez do capítulo 6 – *Chimène, qui l'eût dit? Rodrigue, qui l'eût cru?*, foram inseridos com “o intuito de revelar diretamente o famoso pessimismo de *Brás Cubas*, que alguns pensam ser o mesmo de

Idéias correntes que determinam o estado social e o caráter...’ Sim, concordo que o templo grego sejam as idéias novas, e o caráter e o estado social a torre, que há de sobrepor-se por muito tempo as belas colunas antigas, ainda que a gente se oponha com toda a força ao voto das irmandades...” (Assis, 1970, v. 3, p. 161-162, sem grifo no original).

Machado de Assis”⁶ (Roméro, 1992, p. 277). Essa distinção é reforçada em seguida, no texto, pela afirmação de que Machado de Assis “não chega a impressionar” quando, pela leitura que Sylvio Roméro fez do capítulo 7 – *O delírio*, o literato pretende a “expressão do pavoroso”, argumentando que a “coloração de horrível que imprime em alguns de seus quadros” é inquietação “que não parte de fonte nativa” (Roméro, 1992, p. 277). Essa avaliação, que resulta da comparação do capítulo 7 – *O delírio* com obras de Poe, Dostoievski e, através deste com Dante, é a de que “mesmo em seus mais violentos desvios de imaginação [,] Machado de Assis é tranqüilo e suave; os delírios de suas personagens não metem pavor” (Roméro, 1992, p. 278). O mesmo capítulo 7 – *O delírio* é classificado, depois da transcrição dele, como “belo, realmente muito belo, como linguagem e como estilo”, constituindo “sem dúvida uma das páginas mais intensas da língua portuguesa. [...] Mas esta página mesma, que é a melhor de nosso escritor como brilho de estilo, é notável por isto e não pelo que possa, porventura, conter de horrível e trágico” (Roméro, 1992, p. 284).

O estudo *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira* pretendia ser o primeiro de uma “série” que pretendia “instaurar” uma “espécie de torneio analítico” (Roméro, 1992, p. 53) e foi elaborado sob o critério da classificação dos “escritores nacionais do último quarto de século no Brasil” em “três categorias”: os “fiéis ao velho romantismo”; os “espíritos de transição entre os românticos e as novas instituições”; e os “que não passaram pelas doutrinas românticas e já apareceram de posse dos recentes credos”, especificados como os “naturalistas” (Roméro, 1992, p. 52-53). Analisado por Sylvio Roméro como pertencente ao segundo grupo, Machado de Assis, que não era “portador de pergaminho” (Roméro, 1992, p. 60), foi escolhido como “objeto” de estudo para iniciar o projeto a que se propunha porque “antes e acima de tudo é entre nós o mais completo espécime do homem de letras, no peculiar significado da palavra. [...] Faz gosto”, afirma no texto, “dá prazer ao crítico entreter-se, confabular com um espírito como o seu” (Roméro, 1992, p. 54). São os critérios que estabelece a partir da teoria científica adotada que permitem a Sylvio Roméro **(a)** afirmar que Machado de Assis não é *pessimista*,⁷ e **(b)** asseverar, con-

⁶ A mesma concepção é reapresentada numa pergunta: “Com que direito a Machado de Assis, sempre tão comedido e confiante, quando escreve críticas e crônicas, quando fala por sua própria conta, se poderão aplicar os pessimismos e misantropias de Brás Cubas, de Rubião, ou de Quincas Borba?” (Roméro, 1992, p. 262).

⁷ Cf., por exemplo, no capítulo 17 – *O pessimismo do autor de Brás Cubas: teoria de E. Rod*: “é indispensável confabular agora com o pessimista, **que se diz manifestar-se** pujantíssimo, especialmente nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* e no *Quincas Borba*” (Roméro, 1992, p. 255, sem grifo no original). O argumento é subsidiado pela transcrição da teoria de Rod (Roméro, 1992, p. 260-261) e pelas proposições de que “nós brasileiros [...] não somos pessimistas” e de que “os poucos verdadeiros pessimistas, os desabusados de tudo e de todos, [...] são sempre seres completamente

tra José Veríssimo,⁸ que “Machado de Assis pode e deve ser também julgado pelo critério nacionalista”, não sendo acatado este como “o único critério nestes assuntos; por mais de uma face o poeta de *Falenas*, o romancista de *Ressurreição* presta-se à operação e não sai amesquinhado dela” (Romero, 1992, p. 65-66), questão que é explicitada no capítulo 19 – *Machado de Assis e o nacionalismo: desenho geral de sua personalidade*. O problema que o analista coloca em pauta é o de apresentar uma avaliação sobre o trabalho de Machado de Assis sob a consideração de que isso “não é”, em 1897, “coisa que se possa fazer sem **arredar** previamente do caminho **certos tropeços** nele **postos pela crítica indígena**”, sendo “**um deles[...]a apregoada antinomia⁹ entre a primeira e a segunda fase da carreira do ilustre autor**, entre a sua antiga *maneira* e a nova” (Romero, 1992, p. 63, sem grifo no original). A análise dessa questão, importante na fortuna crítica, leva-o tanto a censurar os críticos¹⁰ como a apresentar de modo incisivo a própria conclusão:

Creio, porém, ficar mais perto da verdade se assegurar, como faço, que a nova maneira de Machado de Assis **não** está em completa antinomia com o seu passado, sendo apenas o desenvolvimento normal de bons germens que ele nativa-

desequilibrados” (Romero, 1992, p. 256), comportamento exemplificado pela citação dos nomes de Baudelaire, Poe, Flaubert e Schopenhauer. Esse “**não é[...]o caso de Machado de Assis, nem era também o caso de Tobias Barreto, que é também de uso apontar entre nós como um pessimista**. Quem conversava com o escritor do norte levava a impressão de uma festa do espírito: pilhérias, contos, anedotas, coisas alegres, expansivas. Uma impressão da mesma ordem recebe quem priva com o escritor fluminense; não é, por certo, tão intensa, nem tão duradoura; mas é sempre agradável. Seu espírito é velado, discreto, tranqüilo, mas é doce e comunicativo. Tem saúde, não anda carregado de sombras” (Romero, 1992, p. 257, sem grifo no original).

⁸ Cf. o contexto em que Sylvio Romero (1992, p. 316) atribui o conceito político de *mestiço* a Machado de Assis: “E com estas notas volto a um dos pontos de onde parti: **Machado de Assis pode e deve ser também apreciado pelo critério nacionalista**. [...] Em que pese ao Sr. José Veríssimo, **o *nisus* central e ativo de Machado de Assis é de brasileiro** e até em várias roupagens exteriores quando ele assesta sua observação mais diretamente para as coisas pátrias” (sem grifo no original). Em outro ponto do texto, quando é referida a falta de capacidade crítica da “pequena elite cultural” e do “grosso da população”, Sylvio Romero (1992, p. 154) se inclui no conceito: “chegamos hoje ao ponto de termos uma literatura e uma política exóticas, que vivem e procriam em uma estufa, sem relações com o ambiente e a temperatura exterior. É **este o mal de nossa habilidade ilusória e falha demestiços e meridionais**, apaixonados, fantasistas, capazes de imitar, porém organizadamente impróprios para criar, para inventar, para produzir coisa nossa e que saia do fundo imediato ou longínquo de nossa vida e de nossa história” (sem grifo no original). Afirmar também que “a macaqueação de tudo” o que vem do exterior é característica dos intelectuais brasileiros, chegando até à situação de que “**mestiços de toda ordem e de todas as gradações** deram-se ao luxo de ir aprender diretamente no grande centro parisiense todos os vícios e desregramentos do pensamento e do caráter moderno”. (Romero, 1992, p. 154-155, sem grifo no original). Machado de Assis é afirmado como “**um dos nossos, um genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada**, por mais que parece estranho tocar neste ponto” (Romero, 1992, p. 66).

⁹ A afirmação é repetida na análise do *humorismo* de “natureza inocente, plácida, tranqüila” que Sylvio Romero (1992, p. 212) encontra “nos seus mais velhos escritos”: “Seria erro idêntico ao daqueles que imaginam completa antinomia entre os dois períodos fundamentais da vida de Machado de Assis”.

¹⁰ A censura é apresentada em mais de um ponto do texto: “Os críticos entre nós parecem habitar numa região abstrata, a sonhar com europeísmos [sic] nocivos e pedandescos” porque não levam em consideração “os fatos pertinentes à vida espiritual brasileira” (Romero, 1992, p. 101).

mente possuía, naquilo que a nova tendência tem de bom, e o desdobramento, também normal, de certos defeitos inatos, naquilo que tem ela de mau (Roméro, 1992, p. 64, sem grifo no original).

No final da análise, o literato brasileiro é classificando sob o critério da divisão do conhecimento que foi explicado em *Ensaio de Sociologia e Literatura*, onde a *finalidade* da *Moral* foi apresentada como o *bem*, porque, para o analista, Machado de Assis é “uma espécie de **moralista** complacente e doce, eivado de certa dose de contida ironia, como qualidade nativa que de quando em quando costuma enroupar nas vestes de um peculiar humorismo, aprendido nos livros, e a que dá também por vezes uns ares de pessimismo, também aprendido de estranhos” (Roméro, 1992, p. 319, sem grifo no original). O tropeço que se pode atribuir a Sylvio Roméro quanto à atividade crítica relativa ao trabalho literário de Machado de Assis ocorre por uma questão que está subsumida à crença teórica que defendia, isso porque – como Antero de Quental – pensava a teoria adotada como sendo neutra¹¹. A convicção¹² foi expressa principalmente quanto ao tema do *humorismo* e, nele, foi o critério da etnologia que fez Sylvio Roméro afirmar que Dickens, Carlyle, Swift, Sterne, e Heine “foram humoristas fatalmente” porque “a índole, a psicologia, a raça, o meio tinha de fazê-los como foram”¹³ (Roméro, 1992, p. 161), enquanto “o temperamento, a psicologia do notável brasileiro [Machado de Assis] não são os mais próprios para produzir o humor, essa particularíssima feição da índole de certos povos. **Nossa raça** [de brasileiros mestiços¹⁴] em

¹¹ “**Não é coisa fácil um estudo completo** de Machado de Assis, completo pelo acurado dos fatos, completo **pela imparcialidade, que deve ser demonstrada** e, por assim dizer, científica. E o que já hoje dificulta o caminhar do pensamento crítico pelos meandros da obra do escritor fluminense, é o verdadeiro cipoal de lendas e elogios com que admiradores fanáticos e incultos a tem cercado, insulando-a do sentir geral da nação. **Humorismo, pessimismo e filosofia, e outras grandes palavras são as contas do rosário que os crentes costumam desfiar diante de seu ídolo.** Estão no seu direito. Mas neste ponto quero ser o espírito que nega, o Mefistófeles deste novo Fausto; porém um negador complacente e doce, munido de provas e documentos” (Roméro, 1992, p. 111).

¹² Em dois momentos o tema é apresentado: (a) “Quero ser sincero, completamente sincero até o fim: não sou grande admirador dos cultores da ironia, dos sacerdotes do humor e até dos pontífices do pessimismo” (Roméro, 1992, p. 266); e (b) para justificar a “falta de entusiasmo” quando encontra “tanta gente” a “delirar de gozo lendo as *Memórias póstumas de Brás Cubas* e o *Quincas Borba*. Confesso que não foi sem esforço que cheguei ao fim das 389 páginas do primeiro livro e das 433 do segundo, e não teria ido ao termo, se não fora a obrigação de ofício. E todavia, estudei-as com o maior cuidado e procurando quanto possível abstrair as minhas prevenções quanto ao gênero” (Roméro, 1992, p. 267).

¹³ Cf. Pierre Barrière (p. 245), sobre a *causalidade* em Taine.

¹⁴ Cf. Luis H. Dreher (p. 95), sobre o conceito *mestiçamento*: “A ideologia liberal-burguesa do progresso, associada ao ideal nacionalista, experimentou um desenvolvimento adicional nas teorias da ‘raça superior’. Embora a idéia de uma *raça portadora do progresso* não fosse uma peculiaridade alemã, é na Alemanha que ela alcança maior penetração. A primeira obra em que a teoria da superioridade racial aparece de forma explícita é o *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, de Joseph Arthur de Gobineau. [...] O fator ‘raça’ tornou-se, assim, a única explicação do grau de de-

geral é incapaz de o produzir espontaneamente” (Roméro, 1992, p. 163, sem grifo no original). Apresentada num texto com “a chaoticstructureandnumerouscontradictions”¹⁵ (Nicoll, p. 369), a argumentação desenvolvida está aprisionada pela concepção teórica,¹⁶ que é indicada pelas afirmações **(a)** de que “a apreciação da parte mais notável da obra literária de Machado de Assis” foi posta em prática sob “os modernos processos de crítica ao jeito e ao gosto do que tem sido ensinado por Hennequin e Faguet”, sendo esses os critérios que o levaram a considerar o material sob os “elementos capitais” do “estilo”, do “humor”, do “pessimismo” e dos “tipos” (Roméro, 1992, p. 121); e **(b)** de que “não” ocorrem “em Machado de Assis os característicos do humorista descritos por Edmond Scherer e tão perspicazmente por ele analisados” (Roméro, 1992, p. 173).

Entre os pontos indicados, além da relação que é estabelecida entre o *humorista* e o *verdadeiro filósofo*¹⁷, a questão que pode ter mobilizado Sylvio Roméro para o juízo que apresenta é o de que, para Scherer, o *humorista* “tem por alvo principal divertir-se e divertir os outros” e que os recursos que utiliza para esse fim não são impedimento para o fato de que “a disposição de ânimo do humorista seja provavelmente [,] afinal de contas[,] a mais feliz que se possa ter na vida, **seu ponto de vista o mais justo** de onde seja possível julgá-la” (Scherer. Apud: Roméro, 1992, p. 172, sem grifo no original). Entre os literatos que Scherer arrola como humoristas e que Sylvio Roméro classifica como apenas “grandes cômicos” estão Cervantes e Rabelais, isso porque para o etnólogo brasileiro “não devemos confundir a alegria, a graça, a *verve* com o humor”, este que é definido pela *raça*, porque enquanto o “cômico ri pelo gosto de rir”, o “humorista ri com melan-

envolvimento ou subdesenvolvimento de uma cultura. Por vezes, propugnava-se a miscigenação: um contingente maior da ‘raça forte’ podia aumentar as chances de um povo inferior libertar-se de seu caráter primitivo”.

¹⁵ Murray Graeme MacNicoll (p. 369) afirma, ainda, quanto ao problema da estruturação do texto, que “such disorder has perhaps prevented a full analysis and caused misinterpretation”.

¹⁶ Cf. a transcrição da concepção de Taine sobre os tipos de humor nas diferentes raças: “Estas desigualdades pintam ao vivo o germano solitário, enérgico, imaginoso, amador de contrastes violentos, equilibrado na reflexão pessoal e triste, com reviravoltas inesperadas do instinto físico, tão diverso das raças latinas e clássicas, raças de oradores e de artistas, que só escrevem pensando no público, só apreciam as idéias concatenadas, que só se deliciam pelo espetáculo das formas harmoniosas, cuja imaginação é regulada e cuja própria volúpia parece natural” (Taine. In: Roméro, 1992, p. 166).

¹⁷ “O humorista não tem os defeitos do *pessimista* que reduz tudo a uma concepção puramente pessoal e que zanga-se com a realidade porque não é tal qual ele a concebe, nem os do *otimista* que fecha os olhos a tudo que no mundo real falta para que corresponda às exigências do coração e da inteligência. O humorista sente o que a realidade tem de imperfeito e resigna-se com o bom humor que sabe que nossa satisfação não é a regra das coisas, que a fórmula do universo é necessariamente mais vasta do que as preferências de um dos seres contingentes de que compõe este universo. O humorista é sem dúvida o verdadeiro filósofo, com a condição, todavia, que seja realmente um filósofo” (Scherer. In: Roméro, 1992, p. 172-173).

colia, quando devia chorar; ou chora com chiste, quando devia apenas rir”¹⁸(Roméro, 1992, p. 173). O crítico só aceitava que Machado de Assis pudesse ser um humorista se a “palavra” recebesse “a significação especial que é de costume lhe emprestar entre **latinos e meridionais**, como sinônimo da simples graça, do espírito, da pilhéria, da ironia suave, como temos vários espécimes gregos, romanos, franceses, espanhóis” e, como, entre os brasileiros citados, “Lafayette Pereira” (Roméro, 1992, p. 214, sem grifo no original).

Em *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira*, a questão que aparece como o problema de Sylvio Roméro, em 1897, é a da assimilação do conteúdo satirizado por Machado de Assis principalmente em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Nem a *dedicatória*, o *prólogo*, ou os primeiros capítulos, dos quais são transcritos segmentos de texto, são considerados representativos do *humorismo*,¹⁹ chegando o analista a afirmar que “só uma deplorável prevenção em achar graça na insipidez se encantará com aquilo” (Roméro, 1992, p. 274). A apreciação é feita em contraste com a avaliação das outras obras de Machado de Assis publicadas até aquela data e, além disso, há diferença de tratamento dado aos segmentos de texto selecionados; estes são os fatores que chamam a atenção para a contrariedade do crítico manifesta no texto. O vocabulário agressivo utilizado na avaliação dos personagens *Brás Cubas* e *Quincas Borba* destoa do elogio dado aos “pequenos quadros de nossa vida brasileira” que encontrou em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, reproduzidos os segmentos de texto que justificam a afirmação e dão o testemunho das “qualidades de observador de costumes e de psicologista”, *quadros* encontrados no relato sobre o “batizado”, sobre os “padrinhos”, sobre os “nossos costumes do tempo da escravidão”, sobre o “tio João”, sobre o “banquete”, sobre os “*mestres régios*” e sobre o “Damasceno” (Roméro, 1992, p. 308-314). Todos os segmentos de texto transcritos foram considerados como “infelizmente raros nos livros” de Machado de Assis, esses que deveriam – indicando a epistemologia *realista* adotada²⁰ – ser o “filão que” Machado de Assis “devia aprofundar” porque são relatos que manifes-

¹⁸ O termo é definido, também, “seguindo as definições de Hennequin, Taine e Scherer, [...] a alegria louca em meio da tristeza ou a tristeza incurável em meio das expansões mais espontâneas da alegria, essa típica união de contrastes, identificados numa síntese orgânica superior, quase inexplicável” (Roméro, 1992, p. 214).

¹⁹ Sylvio Roméro (1992, p. 269) afirma, por exemplo: “Não me parecem primores de estilo aquela *pena da galhofa* e aquela *tinta da melancolia*, nem é a quinta essência da graça – aquele *pago-te com um piparote*. Em todo o caso, quem lê atentamente as *Memórias*, vê que o romancista acumulou nos primeiros seis ou sete capítulos quase toda a provisão de *humour*, de *horror* e de *pessimismo* de que é capaz. Conhecidos eles, está examinada toda a carga da transcendental filosofia que dizem residir na cabeça de Machado. Os mais significativos por esse lado são: *Óbito do autor*, *O emplasto*, *A idéia fixa*, *Chimène*, *qui l’eut* [sic] *dit?*... e *O delírio*”.

²⁰ Cf. também a afirmação de que “Machado de Assis **não conseguiu até hoje criar um verdadeiro e completo tipo**

tam o “caráter brasileiro com suas virtudes e defeitos” (Roméro, 1992, p. 314).

São as referências diretas aos personagens *Brás Cubas* e *Quincas Borba* que dão a indicação mais clara do incômodo de Sylvio Roméro, manifesto especialmente para com o texto *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A avaliação que apresenta pode ser um indicativo de que o analista percebeu os personagens como o motivo de zombaria, dirigida aos pressupostos da ciência – chamada *naturalista* – que fundamentava a análise da situação econômica e da política no Brasil da época. As proposições pelas quais é possível indicar o texto *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira* como uma reação ao enredo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por parte do intelectual que se apresenta como articulador da ciência *materialista* no Brasil, são aquelas **(a)** em que o analista compara o que denomina de “humorismo de almanaque, [...] pessimismo de fancaria, que traz iludidos uns poucos de ingênuos que acham aquilo [*Brás Cubas*] maravilhoso” com o trabalho de Tobias Barreto que, na mesma época, se empenhava no exercício da “crítica livre no Brasil” (Roméro, 1992, p. 160); **(b)** em que analisa *Brás Cubas* com base na teoria de Scherer, para classificar o primeiro como “um adúltero enjoativo” e *Quincas Borba* como “um lunático sensaborão. Ambos pretensiosos, e insignificantes na sua pretensiosidade”; para o analista, “nem um deles é um exemplar vivo da humanidade; são tipos convencionais, paspalhões de papelão: verdadeiros abortos de uma imaginação sem real força criadora” (Roméro, 1992, p. 174-175); **(c)** em que não considera Machado de Assis um humorista, porque o literato “procura o humor pelo gosto de o procurar e mostrá-lo à galeria. Para isto cata propositalmente uma série de **assuntos frívolos** para ter ocasião de dizer graças, que são verdadeiramente encomendadas”, sendo esse “o motivo pelo qual[,] de caso pensado[,] arquitetou aqueles dois quartapacios [?] de sensaborias”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, “que se chamam *Brás Cubas* e *Quincas Borba*, **onde certos basbaques nacionais fingem descobrir não sei que profundos abismos** de ciência oculta, magia, faquirismo, ou cabala, **que os anestesia e embriaga**, como os mongangas [?] de Antônio Conselheiro aos jagunços de Canudos” (Roméro, 1992, p. 191, sem grifo no original). A importância dessa avaliação da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* como constituinte do texto de Sylvio Roméro também pode ser dada pela **(d)** afirmação contida no parágrafo que encer-

ao gosto e com a maestria dos grandes gênios inventivos das letras. Tem sim alguns esboços, que [sic] gerais, quer brasileiros, mas não passam de esboços. Não existe um só que tenha entrado na circulação com a assinatura da vida. O mesmo deu-se”, entre outros, com o próprio Alencar. Este conseguiu **apenas** criar três nomes, *Iracema*, *Pery*, e *Moa-cir*, que se tornaram populares; mas só os nomes (sem grifo no original).

ra a análise, de que “Machado de Assis é **bom quando faz a narrativa** sóbria, elegante, lírica **dos fatos que inventou ou copiou da realidade**, é quase **mau quando se mete a filósofo pessimista** e a sujeito caprichosamente engraçado” (Roméro, 1992, p. 320, sem grifo no original), sendo o conceito *pessimismo* relacionado ao de *misanthropia*,²¹ de acordo com a definição de Rod, transcrita pelo analista, sobre o *pessimismo* como uma *doutrina inofensiva e triste*.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Balas de estalo*. Organização: Heloisa H. P. de Luca. São Paulo: Annalume, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos: uma antologia*. Organização: John Gledson. 2 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. 14 v. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Jackson, 1970.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. 3 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BARRIÈRE, Pierre. *La vida intelectual en Francia: desde el siglo XVI hasta la época contemporánea*. Tradução do francês: J. L. Perez. México: UTEHA, 1963.

DICTIONARY: *Concise dictionary of Sociology*. Edição: Gordon Marshall. Oxford; New York: Oxford U. P., 1994.

DREHER, Luís H. O “Liberalismo” e a situação religiosa: notas a partir da vida e da obra de Carl von Kosetitz. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, série histórica, v. 3, n. 2, p. 87-102, 1999.

NICOLL, Murray Graeme Mac. Silvio Romero and Machado de Assis: a one-sided rivalry (1870-1914). *Revista Interamericana de Bibliografía*, [s.l.], v. 31, n. 3, p. 366-377, 1981.

SPENCER, Herbert. *First principles*. London: Williams & Norgate, 1904. (A system of synthetic Philosophy; 1)

WEISS, J.-J. *Essais sur l'Histoire de la Littérature Française*. Paris: Michel Lévy Frères, 1865.

²¹ O conceito de Rod é apresentado em transcrição de Sylvio Roméro (1992, p. 260), que avalia: “Machado de Assis é, a meu ver, até certo ponto mais um pessimista e até, talvez, perdoe-me que lhe dita, um misantropo, no que aliás este tem de mais simples e inocente, do que um humorista” (Roméro, 1992, p. 264-265). O conceito é atribuído a Balzac pelo adversário da estética de Taine, J.-L. Weiss (p. 89), cujo livro faz parte do acervo da biblioteca de Machado de Assis: “Mais dans Balzac il y a avait une imagination qui saignait, je ne sais qui de passionné et de triste, des vicissitudes d'accablement et d'exaltation, un cerveau sinistre dont il semblait incapable de secouer le tourment. Sa misanthropie était une fièvre et une hallucination”.

ROMÉRO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. São Paulo: EdUNICAMP, 1992. (Coleção Repertórios)

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Sistema de las contradicciones económicas o filosofía de la miseria*. Tradução de Francisco P. y Margall. v. 1. Madrid: Jucar, 1975.